



Adão Nascimento

Galvêas falou sobre o pacote em entrevista, ontem.

9 JUN 1983

No País todo discute-se muito o pacote

Luciano
Baile

A Igreja está criticando o modelo econômico e pedindo que as consequências do pacote sejam assumidas em maior proporção "por aqueles que possuem bens supérfluos" — comentou, em Itaici, o secretário-geral da CNBB, d. Luciano Mendes de Almeida. O PMDB, com a assessoria dos economistas João Manoel Cardoso e Maria Conceição Tavares, deverá emitir nota oficial de análise crítica da situação social e econômica, tão logo o governo divulgue oficialmente as medidas. O governador mineiro Tancredo Neves, comentando as consequências dessas medidas insiste em que se convoque os políticos para

que colaborem na busca de soluções, "a fim de evitar o pior, a instabilidade institucional".

O presidente da Câmara Brasileira da Indústria de Construção, João Fortes, não quer comentar o pacote, mas continua insistindo na "absoluta necessidade" de se renegociar a dívida externa, ampliando-se os prazos de pagamento, de forma que o País possa sair da recessão, "o que é indispensável para se reduzir os efeitos da crise".

Na Petrobrás, o diretor Guedes Coelho já está falando na queda da produção de petróleo em consequência dos cortes previstos no pacote: "Certamen-

te que terão de ser revistas as metas de produção". E garante, a Petrobrás só não produz mais por falta de recursos: "Sabemos onde está o petróleo, temos reservas para serem exploradas, mas nos faltam as plataformas".

E o pacote agitou também o IV Seminário Brasileiro de Propaganda, em Gramado, onde o presidente da Associação de Emissoras de Rádio do Norte e Nordeste, Ricardo Pinto, convocou os publicitários a realizarem "uma campanha pelo restabelecimento da verdade, pois a opinião pública está aliada do processo de decisão por um pequeno grupo autocrático".